

**DO MÁRMORE AOS JARDINS:
SOBRE A OBRA DE FRANCISCA JÚLIA (1871-1920)**

**Carlos Augusto de Melo¹
Dayana Alejandra Hernandez Mundaca²**

RESUMO: Francisca Júlia foi representativa na construção de poesias de estilo parnasiano e simbolista no Brasil, bem como de literatura didático/infantil. Os textos literários dela foram responsáveis pela educação e formação de muitas crianças de sua época. Partindo desse pressuposto, este texto tem por objetivo principal revisar o cânone literário brasileiro e tentar resgatar o nome de Francisca Júlia, a partir da análise de sua obra. Ela está a merecer a sua reinclusão no quadro das grandes poetisas de língua portuguesa, pois contribuiu para a construção da cultura e história da literatura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira; Historiografia literária; Francisca Júlia (1871-1920);

ABSTRACT: Francisca Júlia was representative to symbolist and parnasian style, as well as responsible for education and training of many Brazilian children. Based on this, we objective to review the Brazilian literary canon and try to rescue the name and work of Frances Julia. Here, we study the poems works *Mármore* (1895), *Livro da Infância* (1899), *Esfinges* (1903) e *Alma* (1912).

KEYWORDS: Brazilian Literature; Literary Historiography; Francisca Júlia (1871-1920).

A poetisa

As considerações críticas têm sido construídas tradicionalmente sobre escritores estabelecidos pelo cânone, com suas temáticas típicas de representação histórica para cada época. No entanto, essa seleção não deve ser entendida como regra indissolúvel. Muitos outros escritores que, hoje, não possuem a mesma repercussão no circuito literário, contribuíram com obras de ricas expressões literárias, caracterizadas pela variedade de representação estética, como é o caso da poetisa Francisca Júlia, que, cuidadosamente, foi escolhida como tema deste trabalho.

Francisca Júlia foi uma escritora que teve grande importância em sua época, final do século XIX e início do século XX. Como poetisa, destacou-se pela ortodoxia parnasiana assumida, além de produzir espécies literárias com fins educativos. A poetisa ultrapassou os limites do universo feminino, enfrentou as críticas de uma sociedade machista, condensando

¹ Doutor em Teoria e História Literária – Unicamp. Professor de Literatura da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: carlosaug.melo@gmail.com

² Graduada em Letras pela Universidade Paulista. Desenvolveu pesquisa de Iniciação Científica/PIBIC. E-mail: mundacas@yahoo.com.br

uma expressão de arte diferenciada, e ousou ao publicar seus versos à semelhança dos melhores poetas parnasianos; assim conquistando o respeito e admiração de ilustres personagens da literatura do século XX.

Francisca Júlia da Silva nasceu em *Vila de Xiririca*, atualmente chamado de Eldorado, cidade que fica no Vale do Ribeira – SP, no dia 31 de agosto de 1871³. Já na infância, com 5 anos, Francisca Júlia mostrava certa inclinação para a poesia, pois seu ambiente familiar já lhe propiciava um certo conhecimento sobre os gêneros literários. Seu pai, o Sr. Miguel Luso da Silva, foi um advogado provisionado e grande intelectual, íntimo da boa leitura, sua mãe, a Sra. Cecília Isabel da Silva, era professora primária e seu irmão foi o advogado e também poeta Júlio César da Silva.

A poetisa mudou-se com a família para São Paulo, onde começou sua carreira escrevendo para os jornais mais importantes da época. Sua estreia foi aos 14 anos, período em que publicou seus primeiros sonetos (“Quadro Incompleto” e “Paisagem”) publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*, e, a partir de 1892, começou a escrever assiduamente para o *Correio Paulistano* e *Diário Popular*. Colaborou também para jornais do Rio de Janeiro, com destaque para as revistas *O Álbum*, mantido por Arthur Azevedo, n’*A Semana* que era dirigida por Valentim Magalhães.

A poetisa causou murmúrios entre os colegas quando chegou n’*A Semana*. Ali, trabalhavam como redatores, ilustres escritores como João Ribeiro, Araripe Júnior e Lúcio de Mendonça, os quais mal puderam acreditar que aqueles versos tão perfeitos tinham sido escritos por uma mulher. O crítico literário João Ribeiro acreditava ser de autoria de Raimundo Correia, utilizando-se de um pseudônimo feminino, e passou então a chamá-lo de Maria Azevedo. Porém esse mal entendido foi esclarecido após o irmão de Francisca Júlia, Júlio César da Silva, enviar uma carta a Max Fleiuss, também integrante d’*A Semana*.

Segundo Moisés (2001), a escritora conquistou a admiração de ilustres poetas de sua época, como os da então *tríade parnasiana* - Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira - e ainda se tornaram os maiores incentivadores de sua obra:

³ O ano de nascimento de Francisca Júlia é um tanto contraditório: alguns estudiosos citam 1874, outros 1875. De acordo com o irmão de Francisca, o escritor Júlio César da Silva, a quem devemos dar crédito, o ano correto é mesmo 1871. “O que também pode comprovar isso é o documento, a certidão de seu batismo, colhida no arquivo paroquial.” (in “Tribuna do Ribeira”, de 14/11/1981, pág. Pesquisa realizada pelo poeta João Mendes (1918 – 1997) de Eldorado, a respeito da vida de Francisca Júlia.

Frustrando todos os cálculos, é nas mãos da poetisa que a lira parnasiana alcançou acentos mais genuínos (...) Equilíbrio entre a forma de lapidar e o pensamento lírico, - eis que se diria ocorrer nos poemas de Francisca Júlia, nomeadamente os sonetos. Ou por outras palavras, a forma, deixando de ser fim último, torna-se o molde adequado a ideia que hospeda: na verdade torna-se unidas e indissolúveis, no mesmo ato criador. (MOÍSES, 2001, p.202).

Francisca Júlia lançou seu primeiro livro, intitulado *Mármore*s, em 1895. O livro reuniu sonetos publicados n' *A Semana* e um longo prólogo de João Ribeiro, um dos críticos de maior reputação em seu tempo. Essa obra também consolidou a reputação da autora, mas teve a edição reduzida e, logo, tornou-se uma raridade. No pequeno volume, a autora publicou quarenta e três peças, dispostas em um primeiro conjunto de dezoito sonetos, outro com sete poemas traduzidos (sendo três de Goethe e quatro de Heine) e uma terceira parte, intitulada “Balada”, composta de dezoito peças – sonetos e poemas de formas variadas – iniciada e finalizada com um soneto denominado “Musa Impassível.” João Ribeiro, amigo e também um grande admirador de sua obra, empenhou-se para que essa publicação fosse reconhecida, prefaciando-a e comparando a poetisa com trindade parnasiana:

Nem aqui, nem no sul nem no norte, onde agora floresce uma escola literária, encontro um nome que se possa opor ao de Francisca Júlia. Todos lhe são positivamente inferiores no estro, na composição e fatura do verso, nenhum possui em tal grau o talento de reproduzir as belezas clássicas com essa fria severidade de forma e de epítetos que heredia e Leconte deram o exemplo na literatura francesa”. (RIBEIRO apud SILVA, 1895, p.XXV).

O livro *Mármore*s é muito importante para a construção da história do Parnasianismo no Brasil, pois, segundo os autores Beahr e Peleias, recebido elogiosamente pela crítica, alcança um dos maiores sucessos de livraria. Entretanto, em virtude do erotismo difundido em alguns dos versos, motivou por parte dos correligionários, destacadas repulsas que vieram desaparecer tempos depois quando melhor compreendida.

A grandiosidade de seus poemas repercutiu rapidamente e, aos 24 anos, Francisca Júlia já era consagrada como poetisa. A partir daí, continuou a dedicar-se às atividades poéticas e às suas traduções para o português dos poemas do autor alemão Heine. Seu primeiro livro, *Mármore*s, causou sensação nos círculos literários. A poetisa surpreendeu com o respeito que tinha pela língua portuguesa, trabalhada com inovação. O poeta Olavo Bilac, um dos famosos admiradores de sua obra, louvou o culto da forma poética e de sua remozada arte calma e consoladora:

seus versos não tem o falso pudor e a monotona lamuria de mulheres que por aí aparecem. Francisca Júlia canta a antiga beleza desnuda ao sol, fulgurando, livre de véos hipócritas. De quando em quando, uma estrofe sua, como um grito de saudade e de aungustia, saúda os tempos gloriosos da Helada... (BILAC apud SILVA, 1921, p.XVII).

Francisca Júlia colocava toda a delicadeza feminina na sua arte escrita, assim como afirma Coelho:

Professando a arte pela arte, a poeta paulista adotou a austeridade formal do Parnasianismo francês: a palavra justa, plástica e sonora, a impossibilidade emotiva ou o domínio rigoroso das emoções soltas (tal como declara no soneto *Musa impassível*). Algo raro de se encontrar nos demais parnasianos brasileiros”. (COELHO, 2002, p. 217).

Em 1899, em parceria com o irmão, o poeta Júlio César da Silva, Francisca Júlia escreveu o *Livro da Infância*, cujos poemas possuem intenções edificante (como é advertido no prefácio de Júlio César). Composta por quarenta textos narrativos, divididos em prosas e versos, a obra também teve por objetivo ensinar vocabulário e estilo, como as notas apresentadas nos seus textos. O livro impressiona pelo tema “morte” abordado, em tom soturno, diferentemente dos livros típicos de literatura infantil:

Os contos e versos de que se compõe o LIVRO DA INFÂNCIA são simples na forma, fluentes na narração e escritos no melhor vernáculo. Em baixo de cada pagina vem a explicação dos vocábulos menos conhecidos; nesse pequeno dicionário, que acompanha cada conto ou poesia, a autora não dá às palavras todas as inteligências léxicas, mas só aquelas em que são vulgarmente conhecidas. Estas explicações são feitas de um modo fácil e compreensível. (SILVA apud SILVA, 1899, p. VI).

Conforme afirma Coelho (2002, p.217), Francisca Júlia, como professora, preocupada com o estímulo à leitura e à sensibilidade das crianças na escola, escreveu este livro voltado às crianças que haviam feito seu curso elementar de leitura. A obra foi publicada pelo governo do Estado de São Paulo, sendo adotado por todas as escolas públicas e particulares obtendo com isso grande divulgação.

Em 1903, Francisca Júlia lançou *Esfinges*, editado pela firma Bentley Júnior & Cia e prefaciado por João Ribeiro. O livro é uma edição ampliada de *Mármore*, no qual se excluíram sete composições e acrescentaram-se vinte novas produções, sendo quatorze delas inéditas. Há alguns poemas transferidos do *Livro da Infância* também. De acordo com Coelho (2002: p.218), *Esfinges* teve reconhecimento e admiração da crítica literária e ainda expressou uma mudança poética, uma vez que a poetisa passa a fazer poesia moral e mística:

Em 1903, seu novo livro de poesias, *Esfinges*, expressa uma mudança de problemática poética. Como diz Péricles Eugênio da Silva Ramos, passou para uma poesia mística e moral, descartou-se da teoria da arte pela arte e perdeu certos rebuscamentos de expressão, pois desejava ensinar ou edificar. Esse objetivo é o que perseguem tanto a sua poesia didática – de que introduziu espécimes em *Esfinges*, recolhidos do Livro da Infância – como suas poesias, finais, morais ou místicas [apud Raimundo Menezes. Dicionário Literário Brasileiro. (COELHO, 2002, p.218).

No ano seguinte, em 1º de janeiro de 1904, a poetisa foi proclamada membro efetivo de Comitê Central Brasileiro da Società Internazionale Elleno-Latina de Roma. E, mesmo no auge de sua carreira como poetisa, por razões não esclarecidas, em 1906, Francisca Júlia parte para Cabreúva para viver ao lado de sua mãe e exercer o magistério. Em Cabreúva, dedicou-se aos afazeres doméstico e passou a dar aulas particulares de piano para crianças da região, inclusive deu aula para o músico Erótides de Campos - que, mais tarde tornou-se um famoso compositor paulista. Nesse período, Francisca Júlia teve um conturbado romance com um rapaz, intelectual e/ ou farmacêutico recém formado, da capital. O casal pensava em casamento, mas a ideia não foi aceita por amigos e familiares. Numa das recusas da escritora, o rapaz partiu para a capital com a intenção de voltar, mas acaba se casando e envia-lhe apenas suas cartas de amor de volta numa caixa de sapatos.

Em 1908, a poetisa volta para São Paulo e, de acordo com Ramos (1979: p.191), participa dos entendimentos para a formação da Academia Paulista de Letras, fundada em 1909. Sem dela fazer parte, pois recusa o convite que lhe foi feito, alegando não querer ingressar sem o irmão (poeta Júlio César da Silva). Neste mesmo ano, ela faz sua primeira conferência no salão do edifício da Câmara Municipal, em Itu, sobre o tema "A Feitiçaria Sob o Ponto de Vista Científico".

A escritora casa-se em 1909 com Filadelfo Edmundo Munster, telegrafista da Estrada de Ferro Central do Brasil. Ramos (1979, p.190) considera que a notícia do casamento de Francisca Júlia da Silva, que passa a se chamar Francisca Júlia da Silva Munster, foi publicada pela imprensa *O Estado de São Paulo*, *Correio Paulistano*, *Diário Popular* e *Comércio de São Paulo*. A cerimônia aconteceu na cidade de Lageado/SP e foi apadrinhada pelo poeta e amigo íntimo, Vicente de Carvalho.

No ano de 1912, Francisca Júlia lança seu último livro: *Alma Infantil*. Outra obra dedicada às crianças, também em parceria com seu irmão e, como é advertida em seu prefácio trata-se de uma coleção de monólogos, diálogos, recitativos, cenas do ambiente

escolar, hinos e brincadeiras infantis. A publicação tinha dois objetivos: a edificação moral e a apresentação às crianças da boa forma do verso e da pureza da língua. Alcançou notável repercussão nas escolas do Estado e grande parte de sua edição foi adquirida pelo Secretário do Interior, Altino Arantes.

Por fim, deixou a poesia para se dedicar ao lar e ao marido após seu casamento em 1916, mesmo assim, no ano seguinte, de acordo com Coelho (2002: p. 218), foi homenageada pelos pelos poetas em São Paulo que ofereceram um busto seu, em bronze, para a Academia Brasileira de Letras. E desde então, passou apenas a receber esporádicas visitas de jornalistas que, vez por outra, publicavam suas poesias. Ela volta-se para seus pensamentos místicos, passando a explorar temas como a caridade, fé, vida após a morte, reencarnação e ideologias orientais como o budismo.

Francisca Júlia teve um grande abalo emocional em sua vida quando soube que seu marido estava com tuberculose. A poetisa entrou em depressão profunda, e, com o passar dos anos, a situação se agrava, refletindo nas poucas poesias que ainda escrevia, mostrando uma mulher que suplicava pela paz espiritual fora do plano terrestre. Mesmo assim, a poetisa continuou a escrever para *A Cigarra* e prometeu um livro de poesias chamado *Versos Áureos*, promessa que não pode cumprir. Seu marido veio a falecer em 31 de outubro de 1920 e, após o cortejo, não conteve suas emoções. Confessou aos amigos que nada mais em sua vida faria sentido sem o marido e que jamais usaria o véu de viúva. Naquele dia, a poetisa nada se parecia com a autora de versos frios e impassíveis e, quando se retirou para repousar, acaba cometendo suicídio em seu quarto após ingerir uma excessiva dose de narcóticos.

E, em 1923, o Senado aprovou a implantação, sob o túmulo da poetisa, no cemitério de Araça, a estátua da Musa Impassível toda esculpida em mármore pelo escritor Victor Brecheret. O monumento foi concebido em data desconhecida e tem 2,80 metros de altura. Trata-se de uma homenagem póstuma à poetisa – falecida em 1920. A imagem ficou exposta sob o túmulo da poetisa, no cemitério do Araçá, por 60 anos. Durante seis meses, profissionais especializados submeteram a peça a um minucioso processo de restauro e está exposta a visitação pública. A estátua foi transferida para a Pinacoteca de São Paulo, passando por um processo delicado de restauração. Nos dias atuais ela está em exposição para o público.

Os mármore e os jardins

E foi ainda no valorizado Parnasianismo, em 1892, que surgiu o aclamado nome Francisca Júlia da Silva, ou simplesmente Francisca Júlia. Nos dias atuais, a obra de escritora é muito pouco conhecida e somente poucos literatos e estudantes de literatura tem acesso a essa fantástica poetisa, subserviente aos cânones parnasianos. Foi a primeira mulher que se distinguiu entre todos os poetas parnasianos, pelo culto da forma e pela represa da emotividade como queria a escola - à feição francesa. A sua época, quando reconhecida, foi aclamada por celebridades como Vicente de Carvalho, respeitado poeta, que, em 1901, elogiou-a, referindo-se à poesia de Francisca Júlia como o mais vigoroso e legítimo representante do Parnasianismo.

Nem tudo foi tão glorioso e fácil para essa importante poetisa. Segundo Camargo (2007, p.93), Francisca Júlia começou a escrever num universo altamente machista. Seu primeiro soneto, publicado no jornal *O Estado de São Paulo* foi “Quadro Incompleto”. E, para uma jovem poetisa, que ainda desconhecida do meio literário, criar um soneto como este, de tamanha propriedade, incomodou ao universo masculino, tanto que o poeta Padre Severiano não se conteve e lhe recomendou: “Minha Senhora, há ocupações mais úteis, dedique-se aos trabalhos das agulhas”. Neste primeiro soneto “Quadro Incompleto”, a poetisa explora a sensibilidade do artista ao pintar um quadro. Como se estivesse apaixonado, o “eu-lírico” demonstra seu sentimento em cada traço, desde o início de sua pintura, por meio de traços fortes como fossem o entusiasmo dos apaixonados, até a diminuição do calor da paixão, representada pela pintura envelhecida. Francisca Júlia foi de um tempo em que a mulher vivia constantemente em liberdade vigiada, no qual o homem demonstra ser o articulador da ordem, impedindo possíveis “desvios” da mulher e calando o espaço da intimidade e da privacidade.

Ainda segundo Camargo (2007, p.93), Francisca Júlia continuou persistindo em suas composições. O poema “A Paisagem” passou pela artilharia daqueles que desacreditavam nela. Artur Azevedo leu e não se convenceu que era uma produção feminina. Como foi dito, João Ribeiro atribuiu os versos parnasianos a Raimundo Correia. Bittencourt (1954: p.60) complementou que Olavo Bilac disse aos desentendimentos incrédulos: “Não é meu nem de

Raimundo, só pode ser de Alberto de Oliveira. Não há dúvida, é molecagem do Alberto esse pseudônimo feminino”. Vejamos o poema:

PAISAGEM

Dorme sob o silêncio o parque. Com descanso,
Aos haustos, aspirando o finíssimo extracto
Que evapora a verdura e que deleita o olfacto,
Pelas alas sem fim das arvores avanço.

Ao fundo do pomar, entre as folhas, abstracto
Em cismas, tristemente, um alvíssimo ganço
Escorrega de manso, escorrega de manso
Pelo claro cristal do límpido regato.

Nenhuma ave sequer, sobre a macia alfombra,
Pousa. Tudo deserto. Aos poucos escurece
A campina, a rechã sob a noturna sombra.

E enquanto o ganço vae, abstrato em cismas, pelas
Selvas a dentro entrando, a noite desce, desce...
E espalham-se no céu camandulas de estrelas. (JÚLIA, 1985, p.13).

Neste poema “A paisagem”, a poetisa ressalta com lirismo a beleza da paisagem, dando-lhe características humanas ao parque. A sua beleza é ressaltada em cada palavra cuidadosamente escolhida para que as rimas se casem e deem beleza ao soneto. Porém, ao mesmo tempo em que o soneto mostra ser alegre e cheio de vida, ao fim torna-se sombrio. Como na tradição herdada do final do século XIX, Francisca Júlia manteve seu repertório temático de gosto grego-latino (até nos próprios títulos percebe-se o aplacamento de ânsias e emoções, domesticadas em favor da objetividade e dos rigorosos compromissos formais).

Sem deixar influenciar-se pelas críticas, a jovem poetisa não desiste de criar sonetos tão bons quanto os da regra parnasiana e, assim, continua a escrever para importantes jornais de sua época e publica seu primeiro livro de poesia em 1895 – *Mármore* -, conquistando o respeito e admiração de ilustres poetas da sua época, como, por exemplo, Olavo Bilac, integrante da tríade parnasiana:

Em Francisca Júlia, surpreendeu-me o respeito da língua portuguesa. Não que ela transporte para a sua estrofe brasileira a dura construção clássica: mas, a língua doce de Camões, trabalhada pela pena desta meridional,—que traz para a arte escrita todas as suas delicadezas de mulher, toda a sua faceirice de moça,—nada perde da sua pureza fidalga de linhas. O português de Francisca Júlia é o mesmo antigo português, remozado por um banho maravilhoso de novidade e frescura. (BILAC apud JÚLIA, 1921, p.XVIII).

Aos poucos esses poetas foram aceitando sua presença feminina no círculo literário, sendo publicada e aclamada por todos do meio parnasiano e literário.

Uma injusta apreciação, concluída, e mal concluída, da minha atitude contra uma escritora de talento, havia-me perfidamente criado a pequenina fama (de resto, indigna de mim) de homem selvagem que só via nas mulheres as aptidões inferiores das cozinheiras. E como o *homem é vinde fogo para a mentira*, no dizer do fabulista, fui logo definitivamente julgado e condenado. Há em tudo isto uma grave injustiça. (RIBEIRO apud JÚLIA, 1895, p. VIII).

A primeira obra da escritora foi um sucesso nas livrarias e de crítica. O próprio título do livro já traduz o que quer dizer em uma só palavra. *Mármore* – é o material clássico dos símbolos do parnasianismo. Um dos poemas que julgamos importante citar, pois aborda o mito do Centauro e demonstra mais uma vez a inclinação da poetisa à cultura grega mitológica é a “Dança das Centauros”. Neste soneto, ela demonstra à qual escola literária pertencia. A contenção da forma e de conteúdo fazia com que criasse sonetos lapidares, coerentes com a doutrina parnasiana. Transcrevemos o poema abaixo:

DANÇA DAS CENTAURAS

Patas dianteiras no ar, bocas livres de freios,
Nuas, em grita, em ludo, entrecruzando as lanças,
Ei-las, garbosas vêm, na evolução das danças
Rudes, pompeando à luz a brancura dos seios.

A noite escuta, fulge o luar, gemem as franças;
Mil centauras a rir, em lutas e torneios,
Galopam livres, vão e vêm, os peitos cheios
De ar, o cabelo solto ao léu das auras mansas.

Empalidece o luar, a noite cai, madruga...
A dança hípica pára e logo atroa o espaço
O galope infernal das centauras em fuga:

É que, ao clarão do luar que empalidece,
Enorme, aceso o olhar, bravo, do heróico braço
Pendente a clava argiva, Hércules aparece... (JÚLIA, 1903, p.5).

Em “Dança das centauras”, Francisca Júlia não só valorizou as concepções clássicas tradicionais referentes à forma (metro, rima e ritmo), mas também resgatou os temas mitológicos, fazendo uma descrição lúdica da imagem das centauras, descrevendo-as como sendo livres, esbeltas e atraentes e, ao mesmo tempo, guerreiras ferozes, enfatizando a dualidade representada por este ser mítico.

Dentre os muitos importantes poemas, um soneto, seguindo a regra de dois quartetos e dois tercetos, podemos salientar o “Rainha das Águas”. Segundo Fischer (2006, p.136), este soneto executa aquilo que propõe, em tese, o Parnasianismo, pois se apresenta impassível, trabalha o tema clássico (nascimento de Vênus), estrutura o soneto em metro condigno (dodecassílabo) e faz uso de um vocabulário raro (“orduladura”, “escâmeo”). Outros dois sonetos que seguem a mesma regra de construção são “Os Argonautas” e “Anfitrite”. De acordo com o poeta João Ribeiro, o soneto “Os Argonautas” traduz o caráter preponderante da poesia de Francisca Júlia, o ideal de helenos de Péricles – o sentimento abstrato e profundo do número, do ritmo e da harmonia (assim também se revela o soneto Anfitrite). Já “Musa Impassível” é o soneto mais famoso da poetisa e que lhe rendeu diversas homenagens. Ao descrever as características da sua musa, como desejá-la impassível e imune aos sentimentos como paixões, o “eu lírico” fala de si próprio, de sua maneira de agir e pensar diante de um fato poético. Nada mais é do que o domínio absoluto de seus sentimentos, contendo a emoção diante da criação, evitando o subjetivismo, buscando apenas a perfeição textual. Em “Musa Impassível I e II”, como afirma Bastos (2004, p.71) o tema é a própria poesia. Serve como exemplo da arte poética parnasiana, pelo menos quanto ao seu projeto estético. A voz que fala ao poema é tão impessoal que dela não temos a mínima caracterização. “Musa Impassível” é o exemplo da poética parnasiana. O soneto não se dirige a ninguém, adota um tom distante, imperativo como se pedisse: “Dá-me o hemistíquio de ouro, a imagem atrativa”. Nada mais é que uma “receita de poesia”. É a expressão poética mantendo-se orgulhosa e impassível. De acordo com Bastos (2004, p.71), o mármore é uma imagem recorrente em sua poesia, pois conjuga os semas da materialidade, da claridade, da perenidade e explicita o ideal de aproximação da poesia às artes plásticas. E o soneto, “Musa impassível” apresenta estrutura em metro condigno e utiliza-se de um raro vocabulário. O autor ainda define:

Afora a circunstância já por si expressiva de tratar-se de um soneto, podemos observar ainda a presença de rimas incomuns, uma delas verdadeiramente raras – “crebra”/ “quebra”-, bem como o uso freqüente de cavalgamento – “sincero/ Luto” , “diante/ De um morto”, por exemplo -, e sobretudo do emprego Alexandrino, por vezes apoiado por violenta supressão de hiato, como no verso:

Di an te de Jó, con ser va o mes mo or gu lho e di an te (BASTOS, 2004, p. 71, grifos do autor).

Francisca Júlia não se deixou oprimir em meio a uma sociedade machista e tampouco dedicou a sua vida de escritora apenas para se dedicar a versos parnasianos e simbolistas,

destinados ao público adulto. Ela escreveu dois livros dedicados ao público infantil, o *Livro da Infância*, de 1899 e *Alma Infantil*, de 1912. O primeiro, como é advertido por Silva (1899, p. V), era destinado às crianças que já tinham feito o seu curso elementar de leitura. Silva comenta que, diferentemente de outros escritores deste gênero, naquela época, Francisca escreveu textos infanto-juvenis, preocupando-se com a escrita e a linguagem literária. A poetisa acreditava que os autores não se importavam com o que escreviam, apenas queriam distrair as crianças com a graça e leve moralidade dos seus contos e novelas:

Os contos e versos do de que se compõe o LIVRO DA INFÂNCIA são simples na forma, fluentes na narração e escritos ao melhor vernáculo. Em baixo de cada página vem a explicação dos vocábulos menos conhecidos; nesse pequeno dicionário, que acompanha cada conto ou poesia, não dá as palavras todas as inteligências léxicas, mas só aquelas que são vulgarmente conhecidas. (SILVA apud JÚLIA, 1899, p. VI).

Por exemplo, o conto “Naufrágio” impressiona, pois narra o que desencadeia um naufrágio e vai além quando cita o terror pintado no rosto de todos os tripulantes. Segundo o professor da USP, Maurício Silva, os autores do início do século XX, como é o caso da poetisa Francisca Júlia, não são mais adequados as crianças do século XXI. A metrificacão rígida, exemplaridade, sentimentalismos, textos estritamente didático-pedagógicos e dotados de ideais patrióticos já não direcionam as linhas poéticas voltadas às crianças atuais. A questão crucial é que tais poemas foram concebidos num ambiente histórico-cultural moralista, conservador e de espaço diminuto ao mundo infantil. A criança, nos poemas desses autores, não é protagonista, é coadjuvante e vista como subserviente e submissa aos padrões de comportamento predefinidos e esperados pela sociedade patriarcalista da época. Na segunda obra - *Alma Infantil* - dedicada às crianças, a poetisa mostra-se mais próxima da imaginação infantil, mas sem deixar os propósitos de edificacão e ensinamento morais. De acordo com a Coelho (2007, p.218), Francisca Júlia criou uma coletânea de breves poemas que também expressam a preocupação ética edificante que marca a última fase de sua poesia. A obra, *Alma Infantil*, que foi publicada em 1912, em parceria com o seu irmão Júlio César da Silva, é composta por monólogos, diálogos, recitativos, comédias escolares e brincos infantis. Podemos notar ao longo da leitura desta obra. Um dos presentes temas destinados às crianças correspondem aos animais, numa tentativa de aproximar o leitor do texto. O animal doméstico dominante na literatura de Francisca Júlia é o gato, embora também cite o pato, o cavalo entre outros animais. De acordo com Zilberman (2004, p.133), o mérito dos poemas não se situa na

história relatada, mas na observação de situações insólitas, decorrentes da mistura entre fatos próprios do cotidiano dos seres humanos e o comportamento dos animais e, no caso da poetisa, podemos notar essas características nos seres inanimados de sua poesia – como em “O relógio”.

Últimas palavras

Como foi dito, este texto objetivou resgatar o nome da poetisa Francisca Júlia que, como muitos outros, foram deixados à margem da história da literatura brasileira. Francisca Júlia foi um exemplo de mulher que, mesmo com o preconceito de uma sociedade machista e conservadora, revelou capacidade de transpor barreiras e demonstrar suas habilidades poéticas. Começou aos poucos, escreveu sonetos em jornais da época e, em seguida, conseguiu publicar seus livros. Foi pioneira na história da literatura infanto-juvenil brasileira, de cunho didático, revelando sua habilidade artística diversa. Atuou também como tradutora, chegando a publicar algumas de suas traduções em seus livros. Os textos de Francisca Júlia são merecem ser resgatados, analisados e divulgados para que toda a população tenha acesso e conhecimento de sua obra. Colocamos em evidência o vida e a obra de Francisca Júlia para que se desperte o interesse de pesquisadores, de alunos, de professores e de outros profissionais que estejam envolvidos com a literatura.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante, 1946.
- BASTOS, Acmeno. *Poesia Brasileira e Estilos de Época*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2004.
- BEAHR, Eli e PELEIAS, D. S. *Vultos do Brasil: Biografia, História e Geografia*. Hemus, s/d.
- BILAC, O. *Poesias infantis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1949.
- BITTENCOURT, Adalzira. *A mulher paulista na história*. São Paulo: Livros de Portugal, 1954.
- CAMARGO, L. “Poesia infantil no Brasil”. *Palestra apresentada no LAIS (Instituto Latino-Americano) da Universidade de Estocolmo e no Instituto Sueco do*

Livro Infantil, Estocolmo, Suécia, outubro, 1999. Disponível em <http://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/artigos/art021.htm>. Acesso em 13 de junho de 2013.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711 – 2001*. Editora Escrituras Editora, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil*. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil – Teoria, Análise e Didática*. 7ª Ed. São Paulo: Moderna, 2000.

FISCHER, L. A. *Parnasianismo Brasileiro – Volume 13 - Coleção de Memória das Letras*. Edipucrs, 2006.

SILVA, Francisca J. e SILVA, Júlio C. *Alma Infantil (Versos para uso das escolas)*. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Livraria Magalhães, 1912.

SILVA, Francisca J. *Esphinges (Versos)*. São Paulo: Bentley Junior, 1903.

SILVA, Francisca J. *Esphinges*. São Paulo: Monteiro Lobato, 1921.

SILVA, Francisca J. *Mármore*. Rio de Janeiro: Horacio Belfort Sabino, 1895.

SILVA, Francisca J. *Livro da Infância*. São Paulo: Typographia do Diario Official, 1899.

Artigo recebido em julho de 2013.

Artigo aceito em agosto de 2013.